



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XV—N.º 383—Preço 1\$00
15 DE NOVEMBRO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato—Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato—Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA—Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales do Correio para Paço de Sousa—Avenca—Quinzenário.

FACETAS DUMA VIDA

AS POMBAS

Nenhuma outra ave, como a pomba, anda ligada à vida do homem por símbolos e lendas.

Como lenda interessante temos uma que corre no seio do povo árabe, a qual explica a cor das suas patas pelo facto de a pomba da Arca, ao regressar pela segunda vez, as trazer vermelhas, sinal evidente de que havia pousado em barro firme, e portanto Noé podia sair sem medo. Assim aconteceu e este orou a Deus para que aquela cor se conservasse sempre.

E nenhuma outra ave tem participado tanto na fortuna dos homens, recebendo e prestando serviços vitais, cuja história se vai buscar na origem dos séculos. Já os reis das primeiras dinastias egípcias eram grandes criadores e seleccionadores de pombas, como o foi nos nossos dias a rainha Vitória de Inglaterra e é actualmente o seu neto, Jorge V, e nas grandes pugnas do Oriente, cerco de Tróia e guerras dos Sarracenos contra os Cruzados, os povos bélicos usavam já os pombos correios, cujo costume foi então introduzido no Ocidente pelos primeiros reis das Cruzadas.

Na Índia misteriosa dos Akbars, as cidades de Agra, Delhi, Benares e Bombaim têm pombas tão sagradas como o Ganges. Ainda não há muito tempo que um europeu ia provocando uma revolução em Bombaim por haver matado, inconscientemente, uma destas aves. A revolução foi sufocada, mas o comércio indiano fechou.

Nas cidades da Europa as pombas não são sagradas, mas prestam-lhes sem dúvida a nota mais interessante que elas podem oferecer aos viajantes.

Quem não viu jamais as pombas de S. Marcos de Veneza, S. Paulo de Londres, Santa Sofia de Constantinopla, sem que não haja experimentado uma sensação agradável, viva, inteiramente nova, única, de se ver coberto de pombas que com toda a graça e sem-cerimónia nos procuram nas algibeiras, mãos e boca, uma qualquer guloseima!

Estas pombas são protegidas por leis do Estado e algumas vezes objecto de largas discussões no Parlamento, como está succedendo actualmente com as de S. Paulo de Londres, por causa da ruína que ameaçam os pórticos da catedral, em virtude da acção dos seus bicos na cal das juntas.

Do «Lume Novo»
N.º 1—Dezembro de 1926

Os serviços prestados pelas pomba na Guerra Mundial foram de uma utilidade extrema. Muitas, de nações europeias, foram condecoradas e os seus nomes saíram nas «Ordens do Dia», e, se as da América o não foram, é porque as leis do Congresso só permitem que sejam condecorados seres humanos. Os americanos trouxeram 320.000 pombos, todos com nomes e números individuais.

FR. JUNIPERO

CAMPANHA DE ASSINATURAS

O «incêndio» está na rua

Já era de esperar. Já, sim senhor. Mas tanto não! A hora a que escrevemos (notícia da última hora, que o tempo não dá para mais) o último «Gaiato» não está em casa de todos os assinantes. Por vários motivos a máquina, ainda, vomita jornais. E já cá temos respostas à Campanha de Assinaturas!

Por exemplo: hoje, segunda feira, 3 de Novembro, mal desponta o sol no horizonte, apresenta-se um cachopo de Cete. Traz uma carta. Foi-se a ver. Era! Era uma circular com um novo assinante, e de ao pé da porta!

Também durante o dia de segunda, os nossos vendedores recolheram uma data delas com um ror deles. Eu vi o Ramada fumegante, contente, radiante: Já tenho cinco!

É pena a gente não poder fornecer mais indicações. Mas o Daniel está aflito, à espera de original. O último número atrazou-se e este quer que não. Faça-lhe justiça.

Entretanto, adivinho o que para aí virá! O correio de ontem e de hoje—por abrir—traz cartas volumosas. Apetitosas! Espumantes!

Está na rua o incêndio. Venham achas prá fogueira. Venham assinantes. Muitos! E se todos os leitores conseguirem um? Ó revolução! Salvo casos especiais quem não arranja, ao menos, um?! Ai Gaiato! Se cada um, um, isso é formidável. Isso é canja.

Nós estamos preparados. Arde dentro de nós uma fé e uma vontade indomáveis. Os senhores arregacem as mangas. Não tenham medo do frio. Olhem que o Avelino, o Roque, o Manuel das Vacas, o Esticadinho estão, mais que nunca, em condições de corresponder. Sabem lá da remodelação operada nos serviços! Agora, assinante novo, mal saia o primeiro jornal, recebe logo.

A nossa prontidão esperamos que respondam prontamente. Por isso não guardem a circular na carteira. Não a esqueçam na gaveta. Não a hotem pró cesto. Ela foi impressa para girar. Fazer barulho. Angariar assinantes. E dizer que Cristo vive. Que vive nos Pobres e que eles, a voz deles,—é a voz do Gaiato.

Júlio Mendes



PATRIMONIO dos Pobres

Um centro da minha atenção e devoção é agora a encosta da Pedrulha, à saída de Coimbra, na berma da estrada nacional para o Porto, onde sobem vinte casas, no meio de frondosas oliveiras.

É uma consolação contemplar dezenas de operários a grangear ali o pão para si e para os seus. Pão que por vezes é duro, tanto ou mais duro que o terreno pedregoso que trabalham e as pedras que rebolam. É uma consolação vê-los consolados com a esperança de trabalho para muito tempo.

A Obra do Património dos Pobres, se não fosse outro maior o seu valor apoloético, teria suficiente este de dar pão. Pão a ganhar a muitos que o não teriam.

Há muita gente abastada que não se preocupa com isto. Se o inverno ou o tempo não permitem corta-se o trabalho. Não se pensa naqueles que têm o pão dependente. Isso não importa. Basta que tenham a mesa posta e que a vida lhes corra. O resto não é consigo. Doutrina cómoda, mas falsa.

Pessoas há que se apregoam de fazer grande caridade porque dão trabalho. A maior parte das vezes não é caridade, é justiça. Justiça social. O homem não é senhor mas procurador dos bens de Deus e de todos os seus filhos. Põe a mão na consciência e vê se tens culpa.

Parte da minha atenção está agora em Coimbra. Andamos há tantos anos à espera! Tanta coisa se tem dito e escrito! Tantas esperanças! Agora já vemos mais alguma coisa.

Espero que fiquem ali as casas: Queima das Fitas de 1954;

Professores estudantes e empregados da Universidade; Pessoal dos C. T. T.; Empregados Bancários; Quartel de Artilharia 2; Liceu D. João III; Filhas de Maria; Clero; Dr. Manuel Braga, para a qual a Comissão de Homagem entregou 31.454\$; o jornal «O Despertar» entregou 8.513\$20 que tinha para o Património. Neste grupo de vinte ficarão também as casas que vieram pelo Diário de Coimbra. Queremos desde já dizer a todos, especialmente aos conimbricenses, que o custo deve ser superior a seiscentos contos, e estamos dispostos a não ficar a dever nada a ninguém. Se fôr necessário, iremos pedir de porta em porta. Pai Américo já assim fez nas ruas do Porto. Cada moradia importa em trinta contos, mas vale a pena. O terreno foi dado com muito amor.

É hora de marcarmos presença consoante o amor que temos a Deus e aos nossos irmãos Pobres. Começa já hoje a preparar alguma coisa.

Enquanto em Coimbra é assim, muitas outras terras não lhe ficam atrás. Há dias fui ver um grupo de desasseis na Figueira da Foz, em blocos de primeiro andar, muito airosas, iniciativa do jornal «A Voz da Figueira».

Em Tomar, Santarém, Setúbal, Évora, Portalegre, Guarda, Pinhel, andam a trabalhar intensamente. Sabemos também de Cantanhede, V. N. de Miranda do Corvo, Arganil, Loriga, Vila Verde, Secarias. Entregaram casas há pouco: Beringel, Cano, Vila Verde e Tavadere.

O fogo vai atearlo nas almas e aquecendo os corpos.

Padre Horácio



AVANCA não quer os Pobres na barraca, e levanta casas do Património. Que o povo não arrefeça até às tantas quantas...

AGORA

Os homens são tão difíceis em compreender o evidente! Ora vejam, meus senhores! Vejam essa carta e digam se há alguma semelhança, para além da matéria e do acidente, entre qualquer obra de construção de casas para Pobres e este Altar de Deus, que é o Património d'Elas, onde multidões vêm trazer suas ofertas, testemunhando preces ou acções de graças:

«Venho hoje cumprir a minha palavra de oferecer o meu primeiro abono de família para a Obra da Rua, pois que Deus me presenteou com uma linda menina no dia 1 de Agosto.

Minha mulher vive só com um rim e talvez por isso vivia angustiada e triste na dúvida de poder ser Mãe. Calcule agora a sua alegria ao estreitar nos seus braços uma menina que é sangue do seu sangue e vida da sua vida, ao ouvir chamar o doce e Santo nome de «Mãe»!

Eu como marido e como pai passei horas terríveis por ocasião do seu nascimento e vendo quase tudo perdido implorei a Deus, chorando, que salvasse ambas, comprometendo-me eu, a custear uma casa do Património dos Pobres, conforme as minhas possibilidades e cujo título da casa seria: «Casa Senhora da Boa Hora».

Comprometo-me a enviar 100\$ por mês pelo menos e sempre que possa enviarei mais. Quanto gostaria de vê-la já erguida e paga, porque eu também já tenho a minha filha e fui eu que recebi mais. Não há dinheiro que pague um filho, é certo, e eu apenas quero cumprir a minha palavra e mostrar a minha gratidão a Deus, que ouviu as minhas preces, mas nunca pagar, pois que, o que eu recebi não pode ser pago. É uma Graça de Deus».

É da Beira este hino bellissimo à santa instituição Familiar. Que confortante a Fé e a simplicidade filial perante o Pai Celeste: «vendo quase tudo perdido, implorei a Deus, chorando...»! Que linda a gratidão, no justo reconhecimento dos verdadeiros valores: «o que eu recebi não pode ser pago. É uma graça de Deus».

Este portuense da Beira manda para a Obra da Rua o 1.º abono da sua impagável riqueza, 300\$, e começa com 100\$ as suas prestações para a «Casa Senhora da Boa Hora». Júlio, Obra da Rua e Património são obras irmãs, poque nascidas do mesmo Deus pelas mãos do mesmo Pai Américo. Abre a ficha desta casa com 400\$, anda...

Continuemos em África. A ocidente e a oriente há terras de Portugal. De Beira a Luanda é um salto através do espaço. Mas nem um salto é, porque não há distâncias entre as almas que cantam em uníssono as misericórdias do Senhor.

Escutem, então:

«Junto à presente temos o prazer de remeter dois cheques do

Banco Comercial de Angola, da importância de mil escudos cada um, pagáveis no Porto.

Ambos se destinam ao Património dos Pobres, pois no último jornal que recebemos, verificamos alarmados, que as «finanças» não estão muito equilibradas e queremos colaborar no seu regresso à estabilidade.

Um dos cheques é enviado por UM CASAL DE LUANDA que já em Dezembro mandou uma importância e que tem a intenção de oferecer uma casa, oferecendo 100\$00 mensais, a partir do nascimento do seu primeiro filho. Para os 12.000\$00 finais faltam ainda 10.300\$00, mas confiam que com a ajuda de Deus, conseguirão chegar ao fim.

O outro cheque é enviado por uma Sociedade composta por «Dois Amigos» que a formaram com o intuito de reunindo os seus esforços e economias construir a sua casa. Decidiram depois oferecer ao Património uma casa, pois já conseguiram o seu fim. Todavia não o podendo fazer duma única vez terão de enviar o dinheiro também em prestações, à medida das possibilidades. Como, graças a Deus, a sorte lhes tem sorrido e estão a caminho da sua segunda casa, sentem-se desde já obrigados a oferecer uma segunda casa, quando as suas finanças o forem permitindo.

Lemos sempre o Gaiato com fervor e de coração aberto e é enorme o prazer que a sua leitura nos proporciona.

Que Deus vos proteja a todos e dê longa vida, para que possais auxiliar os nossos irmãos.

Um Casal e Dois Amigos»

Quem será este Casal mais os dois Amigos? E que amizade e que amor conjugal, não há-de ser se assim alicerçados na Caridade que é amor a Deus e ao próximo *concomitantemente!*

Estas cartas dão-nos horas de meditação. Dão-nos o conforto das dificuldades conjugadas generosamente por almas escaldantes. «Lemos sempre o Gaiato com fervor e de coração aberto...» E, por isso mesmo que «verificamos, alarmados que as finanças não estão muito equilibradas, queremos colaborar no seu regresso à estabilidade». Com accionistas destes, qual a Empresa que teme?! Umhas centenas, uns milhares de escudos são gotas no mar dos milhões que giram na roda do ano. E o amor? E o «alarmados»? E o «fervor»? e «os corações abertos»?

Ó meus senhores, que ninguém se engane! Este é que é o *capital verdadeiro*, substancial, que faz o Património dos Pobres, e o faz diverso, *religiosamente diverso*, de qualquer outra empresa de semelhanças accidentais. O Património revela Deus, porque é por Deus; porque tudo quanto realiza vem de Deus. Os homens, como este casal de Luanda e os «Dois Amigos» e tantos outros, bem sabem o seu exacto papel de

canais por onde passa a Graça.

Ai que eu já vou em 5 «linguados», fora as cartas que vão transcritas! Quem há-de aturar o Júlio, a ralhar por artigos tão grandes! Mas digam lá, quem pode ficar no meio destes gritos de alma sem escorripichar até ao fim?!

Preparemo-nos para o desfile da Procissão: Vêm à frente os das casas por inteiro: Casa Catarina entregue ao Padre Baptista. Mais outra de um oficial da Avenida Oscar Monteiro Torres. Lisboa anda atiradilha! E a passar um nadinha de uma casa, dos empregados do Porto, do Banco London & South América.

Logo a seguir os avulsos:

Assinante 24.434 com mil. O dobro de outro que «deseja absoluto sigilo». Onze mil no Espelho da Moda, anónimo quanto à procedência e quanto ao fim. Como as «finanças» do Património andam fraquinhas, damos-lhe este tónico. E. D. M. com a sua «imprescindível quota parte» de 20\$. O mesmo do que poupa ao tabaco em cada mês. Um tijolo de 100\$ de «uma assinante» de Lisboa. Metade de Aldina. E mil do Fundão. «porque eu e meu marido obtivemos uma graça por intermédio da bondade do querido Pai Américo, que corporalmente nos deixou, mas continua ao nosso lado em espirito». De Lisboa, doutra «uma assinante», 20\$, como semente, de uma sugestão: «Se 30.000 assinantes dessem 20\$ cada um, juntar-se-iam 600.000\$, que dariam para 50 casas. Isto pode tornar-se realidade com o sacrifício e a boa vontade de todos, pois, se é verdade que nem todos poderão dar 20\$, outros podem dar mais.

Quanta felicidade daria aos contemplados e a nós a felicidade maior de fazer bem».

Mais fervor, mais inquietação! Como o amor é engenhoso! Como Deus acende fogueiras nas almas! «Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis
Cont. na pág. QUATRO

«A Mãe que crê em Deus» diz-nos da sua fé: «Aqui estou, conforme prometi, a enviar os 50\$ para a renda de casa de um velhinho do Barredo. Não sei quem ele é. Quem dera poder mandar sempre mais ainda, dar um ou mais abrigos aos infelizes que tantos são!» Nada há de pequeno numa vida quando informada pelo Evangelho. A fé sem obras é morta. É infecunda. É mentira. O que diz ter fé e não ama, mente. O que diz amar a Deus e não ama o seu semelhante é mentiroso.

«Junto 200\$. Se me fôr possível prometo todos os meses enviar igual quantia ou metade. Vivo quase como um autómato, talvez por causa dos pecados. A sim estou esperançado no perdão de Deus». Dizem os Livros Santos: «A esmola quando bem dada cobre uma multidão de pecados». Assinaturas pagas e donativos da cidade da Beira. De uma excursão da Murtosa mil e tal de assinaturas e donativos, com dois sacos de feijão branco e livros. Alguém pagou a sua assinatura com 300 lenços «para os gaiatos», que tanto jeito nos fizeram. A senhora da rouparia exultou de alegria, de tão aflita que esta-

Chales de Ordins

x x x

Fomos criados para a Verdade. Não podemos, pois, pactuar com a confusão, com o erro. Não se admite em quaisquer publicações, quanto mais didácticas, com um trecho intitulado «Baptismo dum cão». O Baptismo é o primeiro dos sete sacramentos, imprescindível para se poder obter a Bemaventurança eterna.

Ora não será anti-pedagógico ridicularizar-se na cadeira de portugueses o ensino da Moral? Para a formação da personalidade do educando não deverá haver unidade doutrinal? Os sacramentos são canais de graça que santifica os homens. Só poderão ser recebidos nesta vida. Na Eternidade já não há lugar para méritos ou deméritos. Os anjos bons já participam da vida divina e não podem crescer seus méritos. Os maus quiseram ficar num estado em que não pode haver retratação da sua vontade pecadora. Não há lugar para o perdão. Os sacramentos não são para os anjos. E muito menos para os animais, simples criaturas, sem faculdades espirituais, criados para o homem utilizar na consecução do seu fim último, que é Deus. Entrarão, bem como a restante criação, no coro dos louvores divinos, pela mão do homem.

Na utilização do animal, certamente não deve abusar-se com excessos de crueldade. Os excessos dizem sempre mal de quem os usa, além de que se vai fazer sofrer, sem necessidade, talvez, um ser sensitivo. E o nosso coração deve sensibilizar-se diante de qualquer dor. Mas também não podem tatar-se como irmãos nossos, usando com ela de *caridade*. Trata-se duma virtude com raízes na Fé. Ora, segundo esta, a caridade une o Pai do Céu com seus filhos num mesmo amor. É Criador do animal e Pai do homem que vive na sua graça. Não há lugar para a «caridade para com os animais».

Graças a Deus, começam as encomendas a chegar. Vem Lisboa. Encomendou e gostou e tornou. «Já recebi o chale branco que tinha pedido e fiquei verdadeiramente encantada. É lindo e peço a V. que felicite as Tecedeiras de Ordins».

Caldas da Rainha vai aparecendo por cá. Agora são dois. Há pouco foram outros tantos. Penalva do Castelo torna. Monforte pede um impossível. Sem culpa nossa, o chale não pode estar lá no dia aprazado. Os leitores devem pedir com alguma antecedência, mandando, de futuro, a correspondência para Lagares (Douro) e não já para Paço de Sousa.

Lisboa vem todos os meses. Alguém mais da Capital escreve, ao fazer a sua encomenda: «Quantas vezes ao ler o nosso Gaiato eu sinto desejos de ajudar a Obra de Ordins! Não tem sido possível, mas como agora fui aumentada...».

Perosinho encomenda meia dúzia e Caldas da Rainha torna. A Beira envia cheque para dois dos pequenos, a oferecer por cá a qualquer criança. Alguém visitou a Casa das Tecedeiras, em construção, e depôs nas minhas mãos o preciso para um dos grandes para qualquer pobre.

Como os leitores não aparecem com donativos para a «Casa das Tecedeiras», vou batendo eu pessoalmente a certas casas. Jomar dará madeiras e a Cerâmica Aleluia azulejos e material sanitário. A obra de trolha está à porta. Quem se lembra?

Padre Aires

Visado pela
Comissão de Censura

do que nós NECESSITAMOS

va. Se quiserem e puderem mandar mais, todos se gastam.

De A. G. recebemos os 70\$ do costume. Agradecemos que nos digam sempre o fim a que se destinam. Igual quantia para a viúva dos oito filhos. O grupo excursionista «Águias da Livração» vieram até nós e não se foram sem se desobrigar com uma nota de 100\$. Ai vem uma série delas. Reparem. «Sufragando a alma de meus queridos pais e pedindo desculpa da pequenez da quantia enviada, juntamos 100\$». É de Leiria. De uma anónima não sei de onde, o mesmo. De alguém que se assina: «Um Pai Nosso por favor» duas notas de cinquenta. «Por alma de meus queridos pais e que Deus nos ajude». «Envio esses cem escudos para uma família tuberculosa, por alma de meu marido e para que Deus ilumine a inteligência de um neto que trago a estudar com muito sacrifício. Que Deus

faça multiplicar nas vossas mãos esses poucos escudos. Uma Pobre que é pobre e sofre pelos Pobres. Toutinegra do Moinho. Ainda com cem segue o Funchal. De Santa Maria de Lamas acrescentam 50\$00 em cumprimento de uma promessa. Em minhas mãos deixaram 500\$ de Vila Nova de Gaia. Outro tanto de «uma humilde portuense». O seu pedido está cumprido. Com duas de cem veio o assinante 25. 635. «Junto segue um vale postal com 245\$50 resultante de um pedido feito entre os convidados ao casamento de minha filha». Fazemos também nossos os seus votos de muitas felicidades para os noivos. Três de 50: uma de Braga em acção de graças por um favor recebido; outra do Porto «a pedir uma oração pelas melhoras duma pessoa de família; e «os dois amargurados» também vieram desta vez como de costume. Em «O Comercio do Porto» 110\$. A mesma admiradora da Obra volta com 20; e 10 em acção de graças, do Porto. Uma anónima fecha a procissão com chave de ouro — «trezentos escudos do aumento de meu ordenado».

P.e Manuel António

PELAS CASAS DO GAIATO



MIRANDA

— Estimados leitores:

Por certo já estranharam a nossa ausência nas colunas deste jornal. E é com muita razão. Pois então, escutem: Começo por vos falar da nossa vida agrícola. Como sabeis estamos no tempo das colheitas, por isso por cá temos andado um pouco atarefados, e o hem que não é para menos. Só de milho foram 500 alqueires, e não chega para todo o ano.

— Agora vou falar dos nossos dias de pra'a. Embora seja tarde, sempre gostam de saher. Como os mais anos, a nossa praia foi em Mira, que com todo o gosto recebeu os gaiatos.

Todos nós passamos por lá como sempre tem acontecido. Mas este ano houve uma coisa nova. Foram as serenatas. Sim, as serenatas! Admiram-se? Nós também as sabemos fazer e para mais apareceram por lá uns amigos que tocavam acordeon e guitarra. Aquilo foi uma alegria

— Nós, como todos os cristãos, sentimos a morte de S. S. o Papa. No dia a seguir à sua morte toda a nossa comunidade assistiu à missa.

Disse eu, nós como todos os cristãos!

Não são só os cristãos que devem sentir. São todos os homens de raciocínio, porque Ele não foi só homem da Igreja, mas o Pai de todo mundo. Foi como todos sabemos, um homem que trabalhou mais para que todos os povos do mundo se elevassem até Deus, para que houvesse paz na face terráquea. Por isso não fazemos nenhum favor em pedirmos a Deus por Ele.

João Martelo

BEIRE

Como há tempos fizeram trapalhada na tipografia, não saindo nesta secção o que nos tinham dado, só agora vamos dar parte.

200\$ para o Calvário. Um senhor que aqui vem sempre no dia dos seus anos, 300\$. De um armazem de fazendas um cobertor de flanela. E vêm aí os rapazes e não temos roupa para eles. São perto de 50. Compraram-se 50 cobertores. Um para cada cama. Mas o «Ferramenta» estava a dormir na mesma enxerga da mãe, cobrindo-se com dois casacos velhos. São de Santa Marinha de Lodaes e chegou cá a queixa. Ele trabalha alguma coisa, mas é doente e a mãe já velha, o que há-de fazer? Alguém deu r-médios. Os bancos da cama; outros o colchão. Nós os cobertores e os lençóis. Se eles já não chegavam, agora não sei como há-de ser! Até agora poucos senhores conheciam a Casa do Gaiato de Beire — Paredes.

Vem para a semana o Sr. Padre Baptista e atrás dele a malta toda. Era bom que agora necessessem. A lâmpada da capela está quase sempre apagada o que dava tanta tristeza ao Pai Américo! O azeite da mercearia é fraco e logo se apaga. Temos uma lata tão jeitosa mas está vazia...

Os senhores têm a pa'avra. Para Beire — Paredes. Uma casa nova de 50 pessoas. Tudo faz jeito. Tudo serve.

Já nos ofereceram mais um rádio. E que barulho ele deu! O Alfredo, que era dele. Os rapazes que não.

- Foi o Senhor Francisquinho
- Não foi.
- Mas o Senhor Manueizinho que mo prometeu.
- Mas foi o Senhor Francisquinho, pá!

E tanto teimaram que o Alfredo ainda ficou à espera dum rádio pequenino, para a sua casinha que é também pequenina como e'e. Queriamos também pedir um aparelho de televisão, para mais que aqui é uma casa de doentes. Tinhamos mais razões que os outros, mas de facto é já pedir muito e com o tempo os queridos leitores cá baterão à porta e nós a fazer uma grande festa.

Do jornal «As Abelhas» recebemos uma carta amiga e toda a colecção, prometendo ajudar-nos a montar o nosso apiário. Agora também esperamos dos senhores apicultores.

Recebemos 20\$00 mensais para o Bairedo. Um saco de farinha Vouga para as galinhas e mais adubo da «Orgânica». Da Casa de Santa Teresinha pavio para a capela e sempre a ajuda em todos os trabalhos para roupas do altar. Dum Sr. Dr. que veio de propósito trazer um cesto de gadiolos, que mandavam chover, para a nossa capela. Bem haja e para o ano, no mês de Maria, pode trazer mais. Tem vindo cá ter cartas para o Sr. Padre José Maria, que andavam por aí perdidas, demorando muito a cá chegar. Não é o Sr. Padre José Maria, que esse está no Tojal. O nosso é o Senhor Padre Baptista que quando estas linhas lerem já cá está. Não tenham medo os senhores como tiveram até agora, senão ele tem de fugir daqui. Especialmente roupas não há nada.

Zéquita

PAÇO DE SOUSA

— No passado dia 5 o G. D. da Casa do Gaiato deslocou-se a Rezende para defrontar o clube da terra, tendo vencido com inteiro merecimento por 8-4, depois duma partida de hom futebol. O nosso grupo g'izou lances bem vistosos e frutíferos num campo de pequenas dimensões, chamando a si desde o princípio a superioridade no marcador. A marca de 8-4 diz bem o que foi o desenrolar do prélio. O Gaiato, mais organizador, com bola raze e mais engodo pela baliza e o adversário com muita vontade, levantando a bo'a, para favorecer o seu poder físico, mas com uma grande correcção, accitando com aprumo o resultado desfavorável

Muito e muito obrigado por nos terem recebido tão bem!

Apresentamos a seguinte constituição: João; Camurra, Vicente e Carlitos; Roque, Daniel; Caetano, Orlando (Miranda), Oscar, Quim e Queimado.

SUA SANTIDADE. Depois que o Senhor levou para a Sua Beira Sua Santidade Pio XII, a grande preocupação da Igreja era a eleição de novo Papa.

Depois do onze escrutínios negativos, foi eleito Sua Eminência, o Patriarca de Veneza, Cardeal Roncalli. É com grande alegria que o manifestamos. É com grande júbilo que se manifesta este pequenino grão da orbe católica!

Já há o Homem forte. Successor da Cadeira de Pedro. O Rebanho já não está só. Tem já o Pai defensor. E a Igreja continua forte, viril, a resistir aos terríveis furacões e densas tempestades humanas! A trombeta a soar aos ouvidos dos homens: O Caminho é por ali!

UM DE NOVEMBRO. Dia outonal. Juntam-se aos de Paço de Sousa, como nos mais anos, os colegas do Lar do Porto e Beire para confraternizarem conosco. No campo foi o magusto, com as fogueiras de cada casa e seu chefe à frente.

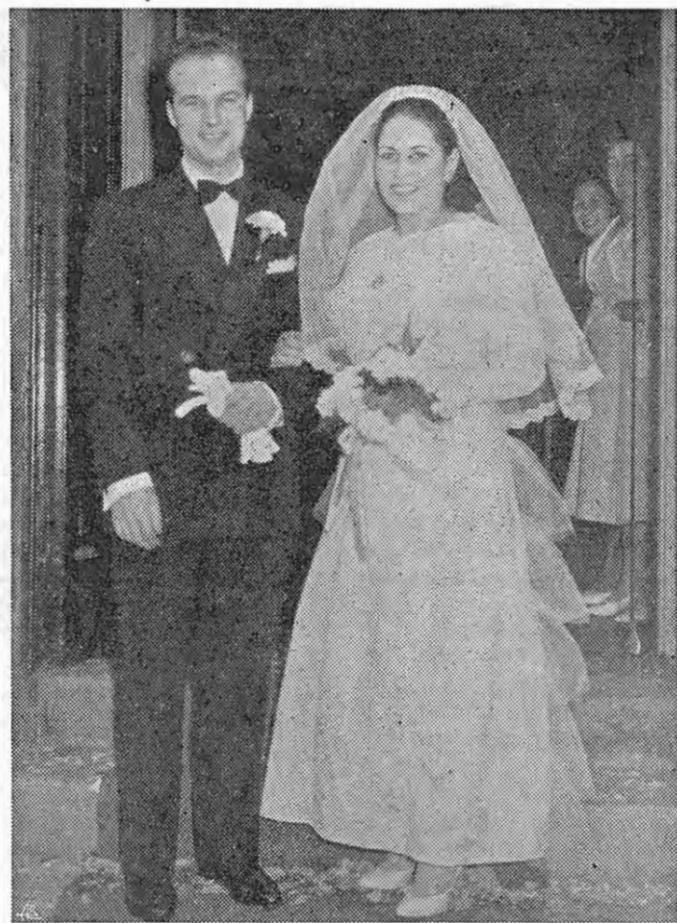
Depois, todos tomam o rumo do cemitério. Uma simp'es pedra, todos em seu torno. Flores. Muitas... Muitas flores alvas, como as almas em graça. O seu cheiro para nos ares e respira-se simultaneamente numa atmosfera de Paz e respeito. O sítio é grande, sagrado, é abençoada a terra que nos co'a aos pés, nos propaga os seus mistérios e chama a atenção para o outono da vida. Das folhas que caem, uma a uma e jazem inertes no puro solo e depois são varridas pelos ventos agrestes que darão sinal à tempestade que se interna no nosso seio. E andamos, despreocupados, sorridentes, quando na verdade o furacão vai atacar com ímpeto.

Muitas pessoas em torno de suas campas, jazigos de entes familiares que não mais vo'tam. Terços na mão. Preces que não findam. Os gaiatos falam com o Pai Américo. Per'o dos seus restos mortais, suas falas chegam alto. Vão até aos Céus! Um quadro lindo na terra. Como não será ele no Céu!

Continuam a chegar pessoas. As flores, que são as que mais falam neste dia, não cessam. Que grandes! Que

Cont. na página QUATRO

O Amândio e sua esposa no dia do casamento.



CHEGOU hoje aqui D. Ana (a conhecida senhora dos emblemas, a quem uma vez partiram um braço e toda a gente supôs que ela nunca mais appareceria e ela nunca mais deixou de vir), chegou aqui D. Ana com o retrato do Amândio e sua esposa no dia do casamento.

Amândio foi dos nossos, muitos anos. Adoeceu. Fez corte de costelas... cinco, nada menos. Curou-se. Foi à sua vida.

Um dia, um velho companheiro de bairro, trabalhando em Inglaterra, manda-lhe chamada para a sua companhia.

Amândio foi. Esteve ao serviço de um lord do Almirantado, a quem acompanhou a reuniões importantes e a festas faladas, como o casamento do Príncipe do Mónaco.

Depois, mudou — senão me engano — para o nosso Consulado. Agora, consta que se estabeleceu.

Certo dia escreveu que já namorara «raparigas de umas poucas de nações». Mas foi uma espanhola que o levou ao Altar. Uma espanhola de cabelo comprido — diz ele, com certo orgulho.

Os senhores façam o favor de reparar no garbo dele e dela e alegrem-se connosco pelo «pequeno lord» em que se transformou o Amândio, de S. Victor.

a dor..., que nem sei se aquela Mãe sofria. Perguntei-lhe se queria ficar até à tarde ao pé da Mãe. Ele encolheu os ombros e ciciou que era como eu quisesse. Eu quis que ele ficasse e retirei. Retirei pensativo, compadecido das mães de filhos de muitos pais. Como devem sofrer se ainda são Mulheres!

A noite encontramos-nos no

E no entanto ele tem espinhos a suportar e a vencer. Desde o primeiro dia os provou e antes já os previra e, lealmente, os fizera saber à sua noiva.

Fonseca é um dos muitos filhos nossos que nunca teve pai. A mãe — é surda-muda. Como se fora pouco..., é mãezinha, fruto, talvez, da desconfiança que é vulgar em tais doentes.

Mas é sua Mãe. Fonseca não a enjeita. Sofre, vai suportando, para «vencer com a cara alevantada todos os espinhos».

Deus ajude o Fonseca e a Maria Amélia e os confirme dia a dia na caridade, «paciente, benigna...»

Lar. Ele não me disse mais nada e nunca voltou a falar da Mãe.

TINHA quatro anos quando chegou aqui. Nunca mais tornara a ver a Mãe. Agora ela veio ao Porto de visita a uma filha. Anunciou. Marcou lugar. E fomos, ele e eu.

A casa ficava no fundo duma ruela sub-urbana. Custou a encontrar. Ela estava à porta. Nós íamos os dois. Nem ela, nem ele, se conheciam já. A minha presença, porém, era uma indicação. Ela, meio extasiada, chama pelo nome dele. Era. E corre a abraçá-lo.

Ele é um rapaz muito interior. Muito sério, apesar da sua pouca idade. É extremamente criança naquilo em que é bom ser criança. É muito homem, naquilo em que é bom que seja homem. É emotivo, com certeza, mas expande pouco.

Ao pé dela, a filha que viera visitar ao Porto e uma outra, mais pequenita, de cuja existência ele não sabia. Ela perguntava, falava muito, o seu rosto resplandecia pela presença do filho longe de si oito anos bem contados. Ele permanecia enleado, atrás do seu sorriso triste. Nos seus olhos pareceu-me ver desejo de uma satisfação por aquela meia irmã desconhecida. Ele é estranhamente homem... sendo extremamente criança naquilo em que é bom ser criança!

Eu estava inquieto. Doia-me

FONSECA e Maria Amélia aproveitaram os dois dias que a Empresa lhe deu e foram fazer a sua pequenina e modesta viagem de núpcias. De lá esqueceram.

«O dia 23 foi uma passagem que para mim e para minha esposa, nunca terá o mínimo arrefecimento».

Confesso sinceramente que me sinto um homem forte, cheio de felicidade; para poder suportar o dia de amanhã e vencer com a cara alevantada todos os espinhos que venham atravessar pela nossa vida fora».

Também eu confesso sinceramente que fiquei feliz pela lembrança da carta em dias tão deles e pelo conteúdo dela.

Eu já disse como Fonseca se preparou seriamente para a «passagem» que ele espera que «nunca terá o mínimo arrefecimento».

Também assim espero, eu que conheço a força daquele «sinceramente», tão espontâneo, tão simples, com que ele confessa a sua «felicidade», a sua fortaleza «para poder suportar... e vencer... todos os espinhos...»

JÁ com Pai Américo era assim. Nós tínhamos os nossos genuflexórios, um de cada lado do Altar. Às vezes sucedia que durante a meditação, ou na preparação da minha aula de Doutrina, eu tomava apontamentos.

Do outro lado ele sorria e, muita vez, mais do que sorria, rufilava e aí tínhamos um duelo à D. Camilo, com Jesus Sacramentado por testemunha. Quantas saudades!... Como também do nosso primeiro encontro de cada dia, quando eu me desparamentava e Pai Américo se preparava para a sua Missa! Quantas saudades!

Outras vezes eu entrava na Capela e ia dar com ele no meu genuflexório, bisbilhotando os apontamentos que noutra hora me vira escrever. E depois, os seus comentários e os seus gracejos e o seu contentamento! Quantas saudades!

Talvez por via delas. Padre Manuel António e eu temos o mesmo costume.

Ora um dia destes eu ajoelho no lugar de Padre Manuel, atraído pela biblioteca itinerante que ali se encontrava. Ele um compêndio de

Cont. na página QUATRO

A G O R A

CONT. DA PÁGINA DOIS

e renovareis a face da terra». Se as almas fossem permeáveis, se os corações se abrissem e se deixassem encher do Infinito até à plenitude da sua medida, que bom seria o nosso pobre, o nosso triste mundo!

Senhores 30.000 assinantes do Gaiato, não vale resistir à Graça. Vós tendes responsabilidades especiais que a Graça vos bate à porta, ao menos duas vezes cada mês. Vamos aos vinte escudos, que dão 600 contos, que dão 50 casas para irmãos nossos que vegetam em lugares de perdição total.

Atenção às casas que se vão erguendo com o esforço de muitos. «Casa de Nossa Senhora de Lourdes», 100\$ da assinante 6472, e o mesmo de S. Cristóvão, Cinfães.

«Casa de Nossa Senhora do Carmo» — não sei quanto mais da assinante que a começou e uma queixa: «Eu pedi ao Senhor Padre Carlos para pedir no Famoso, aos nossos irmãos em Cristo para quem o dia 16 de Julho, em que o Pai Américo foi para Deus, tiver algum significado, a sua colaboração. Afinal poucos ouviram». Ora oíçam, agora, andem, que vale mais tarde do que nunca! Desta assinante mais duas toalhas de rosto que foram para o Fonseca.

Casa dos Professores Primários «com mais 20\$ de Olho Marinho». Pessoal da HICA 1967\$10. E os «Bairritas do Palácio» mais as outras colectividades populares do Porto e arredores, em sua excursão anual deixaram 2.778\$30. Com esta quantia passaram agora um pouco além da 1.ª casa. Cá contamos com eles sempre, a caminho de mais delas.

E a Procissão fecha com os de todos os meses.

«Artur e Mariazinha»: «Faltei o mês passado, mas este mês, com a Graça de Deus posso mandar o dobro»: 200\$. Assinante 6790 com a 26.ª e 27.ª de 50\$ cada. O Casal assinante n.º 28562 (Reparem que o assinante é o eu a dois, que são na verdade marido e mulher), «em comunhão de ideal com meu marido, resolvemos passar a enviar mensalmente 100\$». Apetecia-me transcrever toda a carta que é uma declaração soberba de compreensão pela Obra e pelos seus métodos... mas tenho o Júlio e o Daniel a cortarem-me as asas!...

Para a «Casa do António e do Fernando» 200\$ + 100\$ e os bons desejos cuido que da mãe deles. Helena mai-la sua «prestação de Outubro». «Casa Anunciação» mil. O do «plano decenal». A 10.ª prestação da Casa «Avó Ema». E a 2.ª, de 200\$ para a «Casa de Nossa Senhora da Boa Nova».

«Casa das minhas filhas», mais 1500\$. Fica em 8.500\$ esta mãe heróica. Ai, se eu pudesse alongar-me e dizer!...

A 21.ª prestação, do Porto, para o «Lar de S. José». Se ela já está em construção? As casas estão sempre em construção, que «nós andamos com quem anda». Depois é só pôr a placa. Antes que seja o Natal, por esse país além, ainda muitas famílias hão-de receber o seu telhado, e Deus quiser. Cinquenta da Regina e duas filhas. Duzentos no Lar, de uma mãe que promete continuar. Mais de Matola. E o nosso colaborador habitual da «Casa de Nossa Senhora da Espectação» que hoje não colabora, somente por falta de espaço e não por atender à sua reclamação. Júlio diz que sim, que as contas concordam.

belas e multiformes! E passam... Passam muitas, muitas... São os nossos juizes, que um dia nos acusaram no Juizo Final! E nós passamos indiferentes, sem olharmos para mais além. Pobres de nós. Pobres daqueles que ajudamos, com a nossa farsa, a condenar!...

Avé Maria... Cheia de Graça... Vozitas de pequenos. A voz timbrada dos grandes. Todos em torno da campada de Pai Américo. Todos falam. Todos vêem. Todos solicitam. Todos serão atendidos. E o manancial de graças cairá. Pai Américo está atento!

Avé Maria... A noite vai penetrando suavemente e aquela revoada de anjos clama pela paz. Notam-se mais as velas. A sua luz reflete no muro, na igreja e na torre românica. Ouve-se cantar docemente: «Para além da sepultura...». E assim se despediram todos, neste dia um de Novembro. Agora vão para o refeitório Depois para a cama. Que mistérios insondáveis não penetrarão nestas almas puras e cândidas. E assim, estes pequeninos, são a seiva da Obra da Rua.

MUITO OBRIGADO ao nosso grande Amigo do Porto que ofereceu dois magníficos aparelhos receptores de televisão. Mas são para o Tojal e Casa do Gaiato de Setúbal. Senhor Padre Carlos diz que precisam mais do que nós e por isso, se não houver uma reacção patética dos amigos leitores, os domínios de Paço de Sousa

PELAS CASAS DO GAIATO

passam a ver navios. Seremos os últimos. Estamos mal vistos!... Se fosse eu aos amigos leitores, afinava e pronto!... O que desejamos é que as pessoas animem, o resto é conversa!... Portanto, amigos, não esqueçam o recadinho na margem deste jornal, não? Portanto: Televisão! Televisão! Televisão!

Daniel

SETÚBAL

Caros leitores. É a primeira vez que escrevemos para o nosso jornal.

Em primeiro lugar desejávamos que os leitores atendessem ao Sr. Padre Acílio. Eram duas bicicletas. Não se esqueçam. Já nos ofereceram uma que muito agradecemos.

— Uma das coisas mais desejadas cá em casa era um aparelho de televisão. Já nos foi oferecido. Muito obrigado ao Senhor do Porto que se lembrou de nós.

— A tarefa do arroz acabou-se e a malta da palha festejou o fim da maçada. A vida vai melhorando

— Agora começaram as laranjas e começam também os tribunais. No fim

do terço começa o aborrecimento para nós e para o Sr. Padre Acílio. Muito lhe custa castigar, vendo que não há emenda.

— Quem foi às laranjas?, e do's ou três dão um passo em frente.

— Só vocês? Quem foi contigo? E com você?

Por fim muitos apresentam-se réus. Não há por aí mais nada? E apresentam-se mais outros do's ou três.

— O que fizeste?

— Fui às pinhas na hora do trabalho.

— Onde andavas a trabalhar?

— Na espiga, responde o amigo Chora.

— Que foi isso nas calças?

— A subir a um pinheiro.

— Quando?

— Quando fui às pinhas.

— Quem te mandou lá metê-la?

Ainda tornas a ir às pinhas?

— Não senhor.

Afirma que não, mas quando se esquecer torna a fazer das suas e é mais uma chatices para nós que o temos de julgar. O Chora veio de Setúbal junto com o Pinto Calçudo, outro belo «passarão», mas é mais rijo.

— José Rabeca, Teixeira, Vaquinha, Perninhas, estudam de noite, preparando-se para a admissão à Escola Comercial. José Rabeca é o chefe das limpezas da casa. Teixeira, encarregado dos galinheiros. Vaquinha, padeiro. Perninhas é o das vacas. Esperamos que tenham muita sorte na sua vida de estudantes, as mesmas que eles nos desejam. Eles pedem livros.

— O Cabanas, sucessor de um dos estudantes, o Crisanto, anda em má forma. Era chefe dos m'údos. Tinha uma obrigação a cumprir todos os dias. Não era ele que cumpría, mas sim os pequenos. Tocava para o recreio do meio dia e lá ia o Cabanas a dormir com os m'údos. Depois de os apanhar seguros, toca as ir aos pinhões. Houve tribunal. Cabanas foi castigado, saindo do seu posto de chefe e foi fazer a obrigação da copa, com o seu amigo Escaravelho.

— Agora falamos de nós. Como sabem, andamos na vida de estudantes. Mas não basta a maçada dos estudos. Têm de nos andar sempre a trazer e a levar. Ficamos muito agradecidos por nos oferecerem os livros. Agradecemos muito ao Senhor Reitor do Liceu de Setúbal o almoço grátis na cantina do Liceu e o Crisanto também agradece às senhoras que cá vêm costurar, de lhe oferecer todos os dias o almoço.

E assim terminamos a nossa simples crónica, ficando muito agradecidos pelo bem que nos têm feito.

Três estudantes

Vistas de dentro

(Cont. da 3.ª página)

Moral; e outro de Mariologia; um livro de Meditações; mais outro da mesma sorte; e ainda mais que já não recordo; e... nada mais, nada menos do que a Regulamentação do Jogo de Voley Baal.

Ora todos os outros livros — vá lá! Mesmo revistas de informação e formação religiosa — também ainda passa!

Mas as regras do Volley... — também achei de mais! E vai daí desanquei o Sr. Padre Protector dos Desportos na Casa do Gaiato de Paço de Sousa!

UM PEDIDO

Alto! Não mandem mais aparelhos prá surdez. No próprio dia da saída do jornal, à tardinha, alguém entregava um no Lar do Porto. Para já aquele Pobre está servido. Em sendo precisos mais, voltamos a pedir.

Bendito seja Deus!

Peregrinação a Lourdes

(Cont. do núm. anterior)

Todos mostraram imensa simpatia por esta cidade. Linda, bela, graciosa. Burgos do Desfiladeiro de Pencorvo, Medina do Pomar, Santo Domingo de Silos, Hospital del Rey, Monastério de las Huelgas. O belo Arco de Santa Maria. Cidade das ruas airozas e limpas, que se mostram ao visitante sempre de cara lavada, das raparigas engraçadas a destacar-se no meio de 80 mil almas.

**

Pequeno almoço. Depois fomos visitar a Cartucha que dista poucos quilómetros da cidade.

Ora aqui está uma valente lição de firmeza de Fé. Renúncia total aos bens do mundo. Como me sinto feliz, como nos sentimos felizes por ter debaixo de nossas mãos pecadoras um homem assim. O mundo anda tão falho de Homens! O mundo suborna tanto! E hoje! E cada vez mais! E são estes que seguram as iras de Deus. São eles. Eu não troco a minha religião por nada.

O mais admirável no fundo deste quadro é que ele não tem cultura e parece que não sabe ler — mas como ele sabe!

**

O QUE RECEBEMOS: Desta vez, tão pouco! Não importa. Pouco ou muito, demos graças a Deus.

De Cabeceiras de Basto, um nosso Amigo manda 50\$. E 18\$ de um vicentino de Rio Tinto. E 100\$ do assinante 27784. E metade do número 21120. E metade do número 22428, pela conversão de minha irmã. E outros 100\$: «para onde o incêndio fôr maior e menos água houver, isto é, para a Conferência Vicentina dos Gaiatos que desta gota necessitar. Promessa de um exame e desejos de o repetir, para o que peço orações».

A «Gota» veio «molhar» a nossa porta. Quando voltar já sabe qual delas está a arder. Uma assinante da casa dos cem manda 20\$ pela «saúde dos meus queridos sobrinhos». Mais 25\$ para a conferência lá da Obra dos rapazes. São de Lisboa. A fechar apresentou-se Maria Helena Covas Alves, de Lourenço Marques, com 20\$.

É preciso animar! Se não, estamos a arder, cada vez mais!

Júlio Mendes

Continua no próximo número

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

rem saber de mim. Um tio que foi de cá deu à Costa Verde. Lá de vez em quando escrevia e mandava uma nota. Era sempre uma nota de 20. Porém, a tia faleceu. E ele que fez? Ouvi umas missinhas e escrevi a dizer. Na volta, aí vem uma carta tempestuosa e maliciada: Foi o que perdestes. Tua tia não precisa de missas. Isso é um comércio. E, desde aí, o pobre homem nunca mais recebeu cheta! Desanimar? Isso não é dos espíritos fortes, que se alimentam da Seiva do Altar. Eu fiquei na minha e ele na dele, disse. E se o tio procedesse na mesma?

Noutra ocasião foi para a beira de um irmão. É lá pró Senhor da Pedra. Pois o dito era cá muito religioso. Com os ares da cidade, perdeu-se. O perdeu-se é dele. Por lá se manteve durante uns tempos, até que o perdeu, com ou sem convicção, muda de crença. Era dos que baptizam na ribeira. O irmão e a cunhada tanto puxaram, tanto fizeram ao pobre do homem que não houve meio de o virar e, aborrecido, não teve mais que pegar nas troxas e regressar. Desanimado? Não senhor! Eu não troco o sossego da minha religião por nada deste mundo. Estanquei. Fiquei mudo. E continuou: a gente cá se vai contentando com o caldinho. E, em voz alta, acrescenta: casa de graça... o dinheirinho que os senhores dão... Vamos vivendo até que Deus queira.

Eu estava na igreja da paróquia. Assistia à missa. Recolhi do, graças a Deus. Porém, como se houvesse dito, surge o peditório. A voz do sacristão quebra o silêncio. Levanto a cabeça. Oíço. É pró clero pobre. Não sossego e aguardo a vez. O clero pobre, porque pobre, necessita dos fiéis, de todos — é a fina flor da Igreja. Mas, na minha frente, que vejo eu?! Um velhinho, nosso visitado. Não importa o nome. É um. Aproxima-se o sacristão. Estende a bandeja. E torna a dizer: é pró clero pobre. Na fila do velhinho, o primeiro que se levanta é ele. Pousa a moeda. Ajoelha. Outros pousam. Não importa quanto. Não se me dá de saher. Ora, talvez, ninguém desse fé do seu gesto. Mas eu, sim. Jamais sosseguei. Senti-me infinitamente pequeno. O Lugar, a Hora, o Acto, Infinitamente pequeno pelo que dei, nem que desse uma fortuna. E porquê? Deu ma's que eu. Mais que todos. Ele deu do que lhe faz falta!

Aquele Pobre é um eleito do Senhor. Uma coluna do mundo. Se não houvesse destes heróis, — que seria de nós? Que o gesto heróico do bom velhinho abra em generosidade o coração dos leitores.

Mais: Aquele fora um dia cheio. Mal feito da igreja e indo eu pela volta do costume encontro outro Pobre, dos nossos. Doente. É tão doente!

Nunca se abrija com'go. Porém, naqueles momentos, falamos até mais não. Ora aqui vai um pouco da sua história.

Nasceu doente. Tem um ror de irmãos. Mas vive só. Porque não que-